

# Alzheimer não é uma “sentença de morte”

SANDRA S. GONÇALVES  
sgoncalves@dnoticias.pt

Idalina Aguiar sofre de Alzheimer há cerca de 12 anos. Desde então tem sido um exemplo ao dar voz às pessoas com o mesmo problema, lutando pelos seus direitos e demonstrando que, apesar de todas as limitações, é possível viver com a doença.

Com 82 anos, é embaixadora da Alzheimer Europa e já foi ao Parlamento Europeu dar o seu testemunho. Este mês de Setembro prepara-se novamente para o fazer, naquele que será o seu último mandato. Para tal, tem contado com o apoio incondicional de Nélida Aguiar, que além de filha é também a sua cuidadora.

“Desde 2016 fomos propostas pela Alzheimer Portugal para representar o país na Alzheimer Europa, sendo este o quarto e último mandato, até porque, infelizmente, a minha mãe caiu há três anos e partiu o colo do fémur, tendo a situação piorado um bocadinho. Mas ela, juntamente comigo, tem lutado pelos direitos das pessoas com demência, sobretudo com Alzheimer, e também pelos direitos dos seus cuidadores”, explicou Nélida Aguiar sem quase nunca desviar o olhar da mãe ou largar a sua mão que apertava com força nas instalações da delegação da Madeira da Alzheimer Portugal, na Nazaré, a qual estão associadas.

De acordo com a cuidadora, as pessoas portadoras de Alzheimer e de outros tipos de demência ainda têm “um rótulo muito pesado”, mas isto não pode ser encarado com “uma sentença de morte”. Daí considerar que a sua mãe tem tido um papel muito importante neste aspecto ao falar na primeira pessoa e não por intermédio de terceiros.

“Neste momento, devido à queda, a sua capacidade de oratória já não é a mesma, mas ela continua a defender os doentes e os seus cuidadores, porque as pessoas opinam muito, mas não sabem o que é estar no lugar deles”, disse, frisando a importância de combater o “estigma” em Portugal.

É neste papel que Idalina Aguiar se sente bem. Até porque considera que está a contribuir para consciencializar as pessoas para os vários tipos de demência, ajudando também os doentes e encararem o diagnóstico de uma outra forma.

“Sinto-me bem e fico feliz”, disse, com sensação de missão cumprida.

## “Chorei tanto”

Maria José Gonçalves é outra das doentes que é apoiada pela delegação da Madeira da Alzheimer Portugal. O diagnóstico surgiu há cerca de um ano e o que mais lhe custou foi deixar de conduzir e vender o carro.

“Comecei a me sentir um bocado esquecida, mas isso só acontece



Idalina e Nélida, mãe e filha, têm lutado pelos direitos das pessoas com demência. FOTOS RUI SILVA/ASPRESS

## APESAR DE TODAS AS LIMITAÇÕES, É POSSÍVEL VIVER COM A DOENÇA

quando estou muito nervosa. Por isso, não posso dizer que tenha sintomas fortes. Entretanto fui fazer a renovação da carta de condução, mas o médico não autorizou, com a justificação de que eu estava esquecida. Mais tarde tive que vender o carro. Chorei tanto quando isso aconteceu, porque acho que ainda era capaz de conduzir, para ir ter com as minhas amigas, e isso tem me atrofiado muito”, afirmou, dizendo que conta com a ajuda da irmã e de uma cuidadora que fica consigo durante o dia.

Actualmente sente que o seu estado melhorou desde que, recentemente, recorreu à ajuda daquela instituição.

“Agora estou melhor e já não me

esqueço sempre das coisas. Isto de vir aqui [à sede] é bom e sair de casa também ajuda muito, ainda que estes dias não o tenha feito com grande frequência devido ao carro que foi vendido”, salientou.

De acordo com Lucília Nóbrega, psicóloga naquela delegação, a pessoa portadora de Alzheimer sente-se “muito incapacitada” e fica com “medo” de que seja algo grave. Tanto que, “muitas vezes, adia a ida ao médico e tenta esconder da família os seus problemas de memória”, referiu.

Por semana, a instituição acompanha cerca de 30 cuidadores e doentes. Além disso, presta apoio técnico a cerca de 40 famílias, através do empréstimo de camas, cadeiras de rodas, entre outras.

Ilda Câmara, de 79 anos, é uma das muitas cuidadoras que recebeu esse acompanhamento. Isto na altura em que prestava apoio ao marido, já falecido, que viveu com a doença durante 19 anos.

“Nos últimos tempos, com o avançar da doença, a noite era o que mais custava, porque ele não dormia e chamava muito por mim. Isto aqui

[a associação] foi uma mais-valia para ambos. Recebi formação sobre como lidar com pessoas que têm esta doença e tive ajuda para poder mudar de casa, assim como na atribuição de cadeira de rodas e cama articulada”, revelou.

Como o marido já faleceu e com tudo aquilo que aprendeu, hoje cuida de si própria “para prevenir a demência”.

Já Maria Moniz, de 68 anos, costuma fazer voluntariado todas as sextas-feiras, no Hospital Dr. João de Almada, onde anima os doentes com demência e outros tipos de patologias. Ao fim de cada ‘missão’, o sentimento é agrado.

“Sinto uma alegria muito grande quando ajudo as pessoas. Metade do meu coração fica feliz e a outra metade um ‘farrapo’ devido àquilo que vejo”, afirmou.

A ideia é estender este trabalho a outras unidades, mas, segundo a voluntária, “é preciso ir com calma”.

No âmbito do Dia Mundial da Doença de Alzheimer, que se assinala hoje, estão previstas diversas iniciativas, com vista à consciencialização da comunidade para a problemática, como a que se realiza, pelas 15h30, na sala da Assembleia Municipal, promovida pela Câmara Municipal do Funchal em parceria com a delegação da Madeira da Alzheimer Portugal.

De salientar ainda a reabertura do ‘Café Memória da Madeira’, no Centro Comunitário do Funchal (Edifício 2000), no sábado, a partir das 09h30, onde decorrerá um debate sobre a crise e a saúde mental. A convidada será a psicóloga Leticia Oliveira, com o tema ‘Desafios e oportunidade das crises – A importância da Literacia em Saúde Mental’. A participação é gratuita.



Ilda Câmara (à esquerda) cuidou do marido durante 19 anos e Maria Moniz (à direita) faz voluntariado no Hospital Dr. João de Almada.

